



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOBSON SOARES DA SILVA

**MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM
LUDOVICA EM *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA**

**GUARABIRA – PB
2015**

JOBSON SOARES DA SILVA

**MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM
LUDOVICA EM *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciando em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2015

S586m Silva, Jobson Soares da
Memória e identidade: [manuscrito] : a construção da
personagem ludovica em teoria geral do esquecimento de José
Eduardo Agualusa / Jobson Soares da Silva . - 2015.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Identidade. 2. Memória. 3. Teoria Geral do
Esquecimento. I. Título.

21. ed. CDD 900

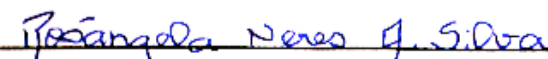
JOBSON SOARES DA SILVA

**MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM
LUDOVICA EM *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA**

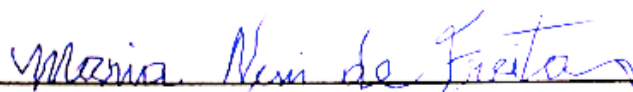
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciando em Letras.

Aprovado em 03 de dezembro de 2015.

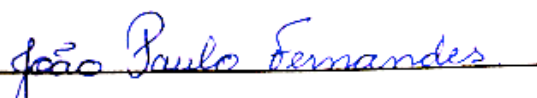
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora



Prof.^a Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora



Prof. Dr. João Paulo Fernandes
Examinador

Dedico este trabalho à minha orientadora Profa. Dra. Rosângela Neres, pela paciência e confiança depositadas em mim. Assim, considero este trabalho não apenas fruto de uma pesquisa científica, mas também de um laço identitário construído durante uma vivência acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Durante os quatro anos do curso, foram muitos acontecimentos vivenciados, alguns modificaram minha forma de pensar, outros transformaram minha identidade e a minha maneira de enxergar a vida.

No entanto, minha memória foi aguçada com um turbilhão de novas experiências. E hoje tenho a certeza que o curso de Letras foi a melhor coisa que fiz durante toda a minha vida, e muitas pessoas contribuíram para que eu não perdesse o caminho durante todo esse processo. Porém, duas datas são importantes, o 06 de Janeiro de 2011 quando soube que tinha passado no vestibular e o 02 de Agosto de 2011, o meu primeiro dia de aula na UEPB.

A partir daí tudo começou a mudar, novas pessoas, novo espaço. Mas uma coisa chama atenção no meio de tantas lembranças. Uma disciplina: Teoria Literária um professor: João Paulo Fernandes. Ele com toda a sua poesia e sua maneira própria de enxergar o mundo, me fez acreditar na vida e que eu gostasse ainda mais do curso, bem como da Literatura e de todas as suas camadas de significações. João Paulo fez-me ser o que sou hoje: um sujeito que busca objetivos. Não foi apenas um professor, foi um pai no curso de Letras.

Agradeço à minha orientadora professora Dra. Rosangela Neres, por toda paciência e dedicação, a quem dedico este trabalho. Agradeço também por ter me convidado para ser pesquisador Pibic, e ainda por ter me proporcionado momentos bons ao trabalhar com memória, identidade e cultura, isso foi realmente maravilhoso.

Aos meus pais: minha mãe Neide, aquela que meu deu a vida, sem ela nada disso estaria acontecendo, pois sempre me apoiou nos momentos mais difíceis. Também agradeço ao meu pai, José “Zequinha”, que mesmo não compreendendo muito bem os meus desejos sempre me apoiou e esteve ao meu lado.

À minha madrinha Elizabete, “Betinha”, que me deu todo o incentivo desde o início quando foi minha professora no Ensino Fundamental, e hoje não é diferente.

Aos meus amigos da turma, Ana Caroline, Marcelo e Janaina. Ana Caroline, aquela que sempre esteve ao meu lado e faz com que a sua poesia seja a melhor inspiração. A Janaina, pessoa mais que especial: uma verdadeira irmã no curso de letras. Ao Marcelo Felix, ah, esse literalmente virou meu irmão para todo sempre, agradeço imensamente por ter contribuído com minha formação.

A minha amiga Lidineide, pessoa especial que desde o ensino Médio vem caminhando comigo, embora tenha preferido outro curso, mas que sempre esteve comigo construindo sua prosa poética.

A minha amiga Edna, “Niely”, ela que sempre me apoiou e juntos trilhamos o mesmo caminho; o caminho das Letras, e hoje somos mais que amigos: Somos irmãos.

Ao meu primo Joebson, apesar de pertencer a outra área, sempre esteve ao meu lado, dando conselhos, ele que foi um grande aliado durante estes quatro anos.

Agradeço também ao reverendíssimo Germano Alves Florêncio, que contribuiu e muito com minha formação, me disponibilizou estadia e alimentação na cidade até conseguir a manutenção da universidade, pois quando passei no vestibular teria que ficar na cidade para ter melhor locomoção e não tinha nenhum familiar que pudesse me ajudar, assim, o agradeço grandiosamente.

Por fim, agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, onde tive a oportunidade de ser bolsista Pibib e Pibic e ainda manutenção, isso contribuiu e muito com a minha formação acadêmica. Agradeço também a todos que a compõem, e em especial a alguns professores por ter tido a honra de ser aluno, e são eles: Maria Neni, Luana Farias, Fernanda Barbosa, João Paulo e Rosângela Neres.

Se ainda tivesse espaço, carvão, e paredes disponíveis, poderia escrever uma Teoria Geral do Esquecimento. Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. (AGUALUSA, 2012, p. 78).

RESUMO

Esta pesquisa aborda a relação entre literatura e identidade, a partir da esfera da memória, no romance *Teoria geral do esquecimento*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Para tanto, parte da investigação da construção identitária da personagem Ludovica, no contexto conturbado da Luanda pós-guerra, em 1975. Na tentativa de se resguardar de uma sociedade que tenta desordenadamente se reestabelecer, Ludo isola-se por trinta anos em seu apartamento, vivenciando as memórias de múltiplos outros personagens, na busca por uma nova identidade. Na ficção de Agualusa, esse fator é o pressuposto da crença no próprio indivíduo e no questionamento de como ela é construída, ou reconstruída, a partir das ruínas que restaram de um povo, de uma pessoa e seu passado. A memória é, neste sentido, o único e mais forte recurso na busca por essa identidade. Estrangeira, em um país devastado pelos efeitos da guerra, é através da memória que Ludovica tenta sistematizar as suas histórias em intersecção com as histórias do povo angolano. Para fins de análise, os procedimentos metodológicos selecionados para o levantamento dos dados englobam a leitura e o mapeamento do romance, a observação da construção da protagonista Ludo e a discussão da relação entre memória, esquecimento e identidade, baseados nos pressupostos teóricos de autores como Bauman (2005), Candau (2012), Candido (2004), Hall (2006), Laraia (1997), Perrot (2010), Ricoeur (2008) dentre outros. Assim, observa-se que os meandros da memória promovem a reflexão da personagem sobre si mesma, sobre o outro, sobre as ruínas que metaforizam experiências humanas conflituosas.

Palavras-chave: Identidade. Memória. *Teoria geral do esquecimento*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DA TRÍADE CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA	15
3 DE LEMBRAR E ESQUECER: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM <i>TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO</i>	20
4 LUDOVICA E SUAS METÁFORAS IDENTITÁRIAS	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa baseia-se na relação entre literatura e identidade, a partir da análise da memória, observada no romance *Teoria geral do esquecimento*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Estabelece, particularmente, a tentativa da personagem protagonista Ludovica (ou simplesmente Ludo), de (re)construção da identidade após a guerra de Angola pela independência.

Publicado em 2012, o romance constrói um eco de múltiplas vozes sobre a Angola colonial. O misto de pessoas de várias nacionalidades, buscando fervorosamente a fuga de um contexto desconexo e imprevisível, invade a memória de Ludovica. Os personagens, além dela, querem ser esquecidos, pois, diante de um contexto conturbado, é o medo o principal sentimento que movimenta os habitantes daquele país. Assim, a história de Ludo se mescla às histórias de outros personagens, vozes que ela desconhece e das quais quer se distanciar. Ao erguer uma parede separando seu apartamento do resto do edifício onde mora, a personagem não apenas se isola por trinta anos dessas pessoas e suas histórias, como também isola a própria identidade, de uma terra em ruínas.

Sinto medo do está para além das janelas, do ar que entra às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos, a miríade de insetos aos quais não sei dar nome. Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam não é o meu. Até a luz me é estranha. Um excesso de luz. Certas cores que não deveriam ocorrer num céu saudável. Estou mais próxima do meu cão do que das pessoas lá fora. (AGUALUSA, 2012, p. 31).

O romance aponta para a característica de Ludo ser estrangeira, uma senhora portuguesa, vivendo em um contexto onde esses estrangeiros eram um problema para o país. Por isso, a guerra pela independência de Angola é complicada e violenta. Firma-se, na época, um país expatriado, onde muitas nacionalidades “infligiam” o próprio conceito de identidade. A guerra lega à personagem de Agualusa uma solidão vasta e incômoda, porém necessária.

Não havia como deixar Luanda e não havia como viver em Luanda, se não fosse clandestinamente. Em 1975, contexto em que a narrativa se desenvolve, Ludovica encontra-se no ano da independência de Angola, completamente enclausurada no país. A guerra trouxe a ruína e a reconstrução das bases institucionais e da identidade do povo angolano estavam em desenvolvimento. Ela própria não sabia quem era; foi morar com a irmã e acabou perdendo-se na busca por uma nacionalidade. Muito mais do que isso, Ludo perde-se em seus múltiplos conflitos, na necessidade de libertar-se do passado.

Desse modo, é a reclusão e o resgate da memória que fazem com que a personagem tente restabelecer essa identidade. O título do romance aponta para o esquecimento, e é a memória o elemento principal na busca pelo entendimento do lugar e do papel que Ludovica e os demais personagens têm na narrativa e, por conseguinte, naquele contexto. É a noção de pertencimento e o julgo de valores sobre o outro, a negação da raça e da nacionalidade pela sobrevivência, até a capacidade de redenção.

Dessa forma, o estudo da memória em *Teoria geral do esquecimento* justifica-se a partir dos deslocamentos necessários para que uma nova identidade possa se formar. Esquecendo-se, esses personagens desconstroem um passado de tragédias e dor, acumulando, a partir das experiências, a possibilidade de construção de uma nova forma de pensar e agir, olhando o outro como sujeito também passível de mudanças. Esse investimento na reconstrução está relacionado tanto ao país recém liberto, quanto à busca de uma nova identidade.

Os objetivos da análise perpassam a relação entre literatura e identidade, enumerando as características da personagem protagonista, no tocante à memória, cuja meta é verificar a relevância da construção de sua identidade, no desenvolvimento da narrativa. Além disso, busca identificar o diálogo existente entre a protagonista e os modos de representação de sua identidade como estrangeira expatriada e em um país pós-guerra, a fim de compreender as razões pelas quais ela prefere ser esquecida. Aponta, ainda, a imagem ideológica que a protagonista imprime na narrativa, evidenciando os contrastes e conflitos da busca por uma nova identidade.

Para tanto, o estudo da construção da identidade e da memória no romance de José Eduardo Agualusa apoia-se nas bases teóricas de autores

como Bauman (2005), Bernd (1988), Candido (2004), Hall (2006), Laraia (1997), Perrot (2010), Ricoeur (2008) dentre outros, explicitando a relevância da caracterização e da voz da personagem protagonista ao observar Angola, do ponto de vista de seu isolamento. É a estrangeira tentando ser esquecida para, quem sabe, lembrar-se de quem é.

2 DA TRÍADE CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA

É inegável que os conceitos sobre identidade e memória se relacionem com os estudos literários e culturais. No tocante à literatura, esses conceitos possibilitam uma caracterização mais verossímil das personagens. Dessa forma, a verossimilhança torna-se a essência do texto ficcional, uma vez que o próprio narrador contribui para esta perspectiva. Isso ocorre pelo fato de a personagem constituir o próprio atributo da ficção e conter as relações diretas que promovem o diálogo com a verossimilhança (ROSENFELD, 2004, p. 26-27).

Entretanto, a memória é um dos elementos fundamentais para a construção da identidade, pois através das lembranças podemos buscar resquícios culturais do próprio sujeito. Na literatura, essa categoria constitui o conjunto de experiências armazenadas ao longo da existência de um personagem, ou seja, o passado e também a relação com outros personagens muitas vezes caracteriza a própria identidade. Contudo, é a partir dessa interseção que emanam as relações intrínsecas que caracterizam a sua história no contexto da ficção. É também da memória que partem muitos dos relatos e informações sobre a constituição do personagem e os modos como ele se relaciona com os demais, na esfera ficcional (RICOEUR, 2008, p. 45).

Dito isto, a personagem concentra uma carga muito forte de significações e agrupa características diversas, no interior de sua composição. A formação de uma identidade, principalmente quando estabelecida pelos personagens da ficção relacionada a um contexto histórico real, perpassa questões múltiplas que englobam a discussão de raça, credo, hábitos, costumes e culturas. Por isso, a identidade como parte da construção do personagem constitui espaços de estudo tão ricos (CANDIDO, 2004, p. 54-55).

Desse modo, a pesquisa em torno da identidade e da memória faz-se relevante por descrever o processo de deslocamento perpassado pelo personagem, na tentativa de (re)assumir uma nova condição em seu contexto. Justifica-se principalmente por encontrar o diálogo entre a representação e a realidade, ou seja, a ficcionalização de um dado real, evidenciando o caráter verossímil da literatura.

Ao abordarmos a tríade cultura, identidade e memória pressupõem fazermos observações em diferentes ângulos a partir da personagem Ludo, uma vez que estão interligadas. Portanto, não podemos falar em construção de identidade sem colocarmos em consideração os fatores culturais que envolvem a personagem, estrangeira; que passa a viver em um país em que a mesma resolve não pertencer. Todavia, sabemos que a identidade pressupõe da própria cultura já pré-estabelecida, bem como nos fatos que marcaram a vida do indivíduo, ou seja, da própria personagem. Dessa forma, entender a construção identitária da personagem Ludo significa, antes de tudo, conhecer os elementos culturais de que ela faz parte e de outros que se relacionam com o seu passado.

Ao pensarmos em cultura, cabe-nos analisá-la sobre diferentes perspectivas, desde seu nascimento até sua morte e de todo o processo que o caracteriza (cf. Eagleton, 2005). Cultura na verdade é a ideia de cultivo, daquilo que cresce naturalmente. O processo cultural está sempre em construção, assim como a própria identidade não é um processo fixo. No entanto, a ideia de cultura também está interligada ao processo de pertencimento. Isso ocorre pelo fato de cada um nós automaticamente pertencermos a uma determinada cultura com seus ideais identitários já pré-definidos.

Porém, cultura não é apenas individual, mas também coletiva, ou seja, a cultura surge por meio da interação, cada sujeito em si carrega um pouco das várias culturas em que o mesmo perpassa durante sua vivência, assim o meio social influencia na formação de cultura. Entretanto, ao pensarmos em cultura de modo geral significa a aceitação de uma identidade específica, ou seja, cultura é aquilo que aceitamos a nós mesmo, seja etnia, orientação sexual, crença, ou quaisquer elementos que estejam interligados aos aspectos identitários de qualquer indivíduo.

Dessa forma, entendemos que natureza ou ambiente, produz cultura que transforma a própria natureza. Pois entendemos que o processo está sempre em transformação. A cultura viabiliza o intercuro social, uma vez que é esse intercuro que desfaz algumas aproximações culturais, tornando-se assim distante daquilo que antes estava por perto, ou seja, as mudanças provoca no indivíduo a busca de outros saberes culturais e termina, por muitas vezes, se adequando a elas. Porém, pode acontecer o contrário, o indivíduo pode não se

adaptar neste novo contexto cultural, passar-se-á chocar-se em meios a várias culturas. É justamente isso que acontece com a personagem Ludo. Ela passa a conviver em meio ao multiculturalismo e não se adequa a este espaço carregado de culturas. De fato, o multiculturalismo transforma o sujeito e termina por construir a sua própria identidade.

Todavia, a convivência diária pode sugerir a identificação com várias culturas, mas nem sempre acontece a adequação. Portanto, na maioria das vezes acontece que o sujeito precisa adaptar-se, ou seja, o ato de cultura está associado ao “*feedback*”, pois quase sempre a ação de cultura e natureza é recíproco, pois o sujeito atua tanto no pessoal quanto no social. “A cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado” (EAGLETON, 2005, p. 21).

Ao pensarmos no conceito de identidade, talvez perpassasse várias significações. Entretanto, ela se apresenta de forma líquida, na nossa modernidade, ou seja, ela não dura muito tempo, é flexível, ao mesmo tempo está sempre em constante transformação. Porém, ao analisa-la cabe-nos refletir sobre diferentes perspectivas, a identidade se encontra fragmentada, (cf. Baumam, 2005), tornando o conceito de identidade bastante amplo e muitas vezes dependente das decisões que o sujeito toma, os caminhos que o mesmo percorre durante sua trajetória.

Stuart Hall (2006, p. 24-25) chama atenção para a diluição da identidade ao longo dos anos. Segundo o autor, o século XX é marcado por uma significativa mudança nos estágios identitários e de pertencimento. A fim de participar das sociedades cada vez mais complexas, o sujeito social busca, no interior das bases socioculturais múltiplas, esferas diversificadas de atuação das identidades. Portanto, Levanta-se o conceito de identidade fragmentada, pois a relação que o sujeito tem com o meio é mutável e instável, geralmente condicionada às suas necessidades sociais. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 2006, p. 12).

De acordo com Baumam (2005, 16-17), a ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou, no sentido de transpor uma lacuna desencadeada entre o “dever” e o “erguer” a realidade, ao

nível dos padrões estabelecidos pela ideia de recriar uma realidade. Dessa forma a identidade nacional foi desde o início e continuou sendo por muito tempo, uma nação agnóstica em um grito de guerra, uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do estado.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em 'processo', sempre sendo formada (HALL, 2006, p. 38-39).

Portanto, entendemos que a identidade é construída pelo tempo, consequentemente através das memórias, vivências e acontecimentos. No entanto, ela permanece sempre incompleta, está sempre em formação, assim devemos pensar em identidade como um processo em andamento, ela surge dentro da caracterização que está dentro de nós mesmos, já que estamos sempre buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes dos nossos "eus". Sabemos que a identidade de Ludovica é constituída especificamente pelas lembranças, ou seja, é através de suas memórias que ela consegue em meio ao aprisionamento buscar uma nova identidade.

Dessa forma, o sujeito fragmentado com sua identidade cultural e fazendo parte de uma nação, carrega a identidade e a cultura daquele povo, não obviamente serão todos iguais. Segundo Hall (2006), o homem precisa ter uma nacionalidade, um local de origem, dessa forma, raízes carregam memórias. Ou seja, embora o sujeito se relacione com uma determinada cultura/nação ele ainda carrega traços de sua identidade passada, e a mantém por longo tempo. Entretanto as culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a nação com os quais podem se identificar, constroem identidades. São memórias que conectam o passado e o presente, e as imagens que serão construídas.

Ao pensarmos em memória, talvez a tenhamos apenas como um objeto de lembrança ou de recordação, no entanto o conceito de memória é bastante amplo e não inclui apenas de forma individualizada. De fato, percebemos que o conceito de memória parte do social e também do coletivo. A memória é comum não apenas a um indivíduo, e sim a todos aqueles que fazem parte de

uma dita comunidade de pessoas que estão reunidas pelo mesmo objetivo, ou não. Desse modo, podemos ligá-la tanto aos aspectos de cultura, como da própria identidade. No entanto, o conceito de memória é bastante amplo, ao mesmo tempo mostra-nos que pode haver várias interpretações, seja pelo esquecimento ou pela própria lembrança.

A memória então é formadora de identidades, ou seja, através das lembranças como acontece com a personagem Ludo, pode acontecer a construção de uma nova identidade. Dessa forma, compreendemos que memória e identidade estão agrupadas. “A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias.” (CANDAU, 2012, p. 18).

De fato, é notável que a formação da identidade de Ludo parte do trágico. A trágica lembrança também ocasionou o aprisionamento por ela não confiar nas pessoas e também por não sentir-se bem em outra identidade nacional: “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais.” (BOSI, 2003, p. 20).

A identidade nacional é, então, um conjunto de bens subjetivos que se resguarda a partir da memória. Além disso, marca pungentemente a construção e desenvolvimento cultural de um indivíduo (EAGLETON, 2005). Logo, cultura, identidade e memória são esferas indissolúveis na construção da história do indivíduo.

3 DE LEMBRAR E ESQUECER: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO

O escritor angolano José Eduardo Agualusa, autor de *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), e demais obras, a exemplo de, *Nação crioula* (1997), *O vendedor de passados* (2004), *As mulheres do meu pai* (2007), *Milagrário pessoal* (2010), nasceu em Huambo, Angola, em 1960. Estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa, Portugal e seus livros estão traduzidos em 25 idiomas.¹

Agualusa destaca-se principalmente por descrever a biografia de Angola em suas obras, usando da literatura como meio de expressar sentimentos vividos por seu povo, e até mesmo a busca de uma nova identidade pós-guerra. Angola, que conquistou sua independência em 1975, passa por vários conflitos, e a literatura de Agualusa faz mostrar muitos desses momentos através da prosa. De fato, é por meio desta literatura que o próprio conceito de identidade local é reavivado, pois o autor consegue mostrar através de seus personagens conflitos e situações que exemplificam isso, a busca de uma nova identidade pós-guerra. De tal forma, Agualusa possui uma maneira própria de tratar a linguagem em seus romances, observamos isto no próprio romance em estudo, pois o mesmo altera as funções da linguagem na história, ao mesmo tempo em que molda um jeito próprio de narrar.

Assim, podemos considerar José Eduardo Agualusa um autor contemporâneo de língua portuguesa, justamente por possuir em suas obras um discurso plural, muitas vezes constituído por culturas que tecem sua biografia e todo o espaço percorrido. Logo, o mesmo possui um olhar historiográfico, visão esta obtida através de suas viagens e assim escreve obras que retratam o chão africano e, principalmente Angola, país este que escolheu pertencer embora se considere de 'todo o mundo'.

Portanto, o nosso objeto de pesquisa é o retrato de sua vivência e de situações conhecidas pelo próprio autor, uma vez que a personagem em estudo evidencia questões que estão interligadas a este intercurso cultural. Deste modo, suas obras remetem principalmente a episódios acontecidos,

¹ Informações retiradas do site: <http://www.agualusa.pt/> Acesso em: 01/06/15 às 09:54

temos o exemplo de *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), ao falar da guerra de Angola para adquirir sua independência. Portanto, os próprios personagens compartilham histórias vivenciadas pelo próprio autor. Porém, a literatura de Agualusa vai mais além e consegue não apenas mostrar o espaço conturbado, mas também evidenciar várias interpretações enquanto narrativa de ficção.

No início do romance o narrador nos conta que apesar de existir os diários relatando os 28 anos de enclausuramento de Ludo, todo o resto é ficção. De fato, o texto ficcional nunca é exatamente igual ao que se passou, uma vez que depende muito da subjetividade de quem conta a história. Apesar disso, quando uma história passa a ser narrada ela já está no plano ficcional, (CÂNDIDO, 2004). Portanto, Agualusa possui uma literatura historiográfica, retratando a vivência daquela nação. O povo angolano em uma escrita que mantém um olhar no passado, e assim consegue traçar através de seus personagens o futuro daquelas pessoas. Porém, esta escrita é amplamente ficcional. De fato, “a personagem é um ser fictício” (CÂNDIDO, 2004, p. 55). Ou seja, embora consideremos que o autor use de artifícios “reais” para desenvolver a narrativa, o mesmo se apodera de elementos literários para desenvolver a narrativa historiográfica, um deles é a verossimilhança que torna-se a essência do texto ficcional. E assim, “podemos dizer, [...], que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (CÂNDIDO, 2004, p. 55).

O primeiro capítulo trata de uma nota prévia que lança o leitor a um momento de desconforto, pois a narrativa parece desconexa ao romance. De fato, a nota torna-se uma parte estranha a narrativa que se mantém fragmentada e/ou suspensa a todo o momento.

Vejamos o que diz o narrador:

Ludovica Fernandes Mano faleceu em Luanda, na clínica sagrada Esperança, às primeiras horas do dia 5 de outubro de 2010. Contava 85 anos. Sabalu Estevão Capitango ofereceu-me cópias de dez cadernos nos quais Ludo foi escrevendo o seu diário, durante os primeiros anos dos 28 em que se manteve enclausurada. Tive igualmente acesso aos diários posteriores ao seu resgate e ainda a uma vasta coleção de fotografias, da autoria do artista plástico Sacramento Neto (Sakro), sobre os textos e desenhos a carvão de Ludo nas paredes do apartamento. Os diários, poemas e reflexões de Ludo ajudaram-me a reconstruir o drama que viveu. Ajudaram-me, creio, a compreendê-la. (AGUALUSA, 2012, p. 09).

Portanto, Agualusa percorre 30 anos da história de Angola, mergulhada na violência e na falta de expectativa. Como o autor mesmo afirma na obra, foi convidado anteriormente para escrever o roteiro de um filme e assim escreve sobre uma portuguesa que resolveu aprisionar-se após a guerra. Contudo, o projeto não foi adiante, mais tarde Agualusa decide transformar aquele roteiro em romance, chegando a escrever *Teoria Geral do Esquecimento* publicado em 2012 pela editora Dom Quixote em Portugal, e no mesmo ano pela editora Voz no Brasil.

No romance *Teoria Geral do Esquecimento*, (2012). Ludovica, passa por um acontecimento que muda definitivamente sua maneira de enfrentar a vida, ela passa a não confiar nas pessoas. Dessa forma, Ludo tem uma imensa dificuldade em sair de casa, de se relacionar com as demais pessoas, mas é obrigada a fazer isso depois da morte de seus pais, onde passa a morar na então colônia de Portugal, Angola, depois que sua irmã Odete resolve casar-se com um viúvo angolano. No entanto, eles chegam a Angola em um período de revolução. O país estava lutando por sua independência, logo aquelas pessoas estavam todas em aflição. Com o desaparecimento da irmã e do cunhado, Ludo então resolve aprisionar-se em seu apartamento, onde passa a observar o mundo a partir da sua janela. É a partir daí que a narrativa se desenvolve, pois o aprisionamento da personagem leva a busca de uma nova identidade, e é através da memória que tudo isso acontece.

Ludovica nunca gostou de enfrentar o céu. Em criança, já a atormentava um horror e espaços abertos. Sentia-se, sair de casa, frágil e vulnerável como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça. Muito pequena, 6, 7 anos, recusava-se a ir para escola sem a proteção de um guarda-chuva negro, enorme, fosse qual fosse o estado do tempo. Nem a irritação dos pais, nem a troça cruel das outras crianças a demoviam. Mais tarde, melhorou. Até que aconteceu aquilo a que ela chamava *O Acidente* e passou a olhar para esse pavor primordial como uma premonição. (AGUALUSA, 2012, p. 11).

O romance possui várias histórias com outros personagens, até então pode parecer desconexas por se tratar do multiculturalismo presente naquele ambiente, logo as histórias se inter cruzam e batem na porta de Ludo. De fato, percebemos que os demais personagens representam uma variedade de culturas, pois o espaço estava conturbado, posterior a uma guerra. Porém,

estes personagens que aparentemente vivem histórias isoladas no decorrer do romance passar-se-á cruzar nos caminhos de Ludovica. Portanto, existe um fato pertinente que acontece em decorrência da independência, é quando Ludo em uma tentativa de invasão do apartamento entra em desespero após baleiar e matar um homem.

Meses antes, [...] começara a construir no terraço uma pequena piscina. A guerra interrompera as obras. Operários haviam deixados sacos de cimento, areia, tijolos, encostados aos muros. A mulher arrastou algum material para baixo. Destrancou a porta de entrada. Saiu. Começou a erguer uma parede, no corredor, separando o apartamento do resto do prédio. Levou a manhã inteira nisso. Levou a tarde toda. Foi apenas quando a parede ficou pronta, após alisar o cimento, que sentiu fome e sede. (AGUALUSA, 2012, p. 24).

O muro que separa Ludo do restante do edifício pode até ser considerado um dado real, no entanto, este muro evidencia a metáfora do esquecimento. De fato, é a própria teoria alavancada pelo autor no formato de ficção. Dessa forma, consideremos que a teoria geral do esquecimento é a maneira que Ludo encontrou para reconstruir sua identidade, a partir da memória e do esquecimento.

Contudo, o romance mostra pessoas, assim como Ludo que pratica exercícios de esquecimentos, ou seja, essas pessoas queriam ser esquecidas. No entanto, a obra é encarada sobre outro viés, o da recordação, assim temos tanto a lembrança quanto o esquecimento fazendo parte desta *Teoria Geral do Esquecimento*. Todo o romance dialoga com a memória, com o esquecimento e a construção de novas identidades. De fato, memória e esquecimento estão intrinsecamente interligados, e “pode ser considerado como uma de suas condições.” (RICOEUR, 2008, p. 435).

Às vezes penso: enlouqueci.
Vi, do terraço, um hipopótamo dançado na varanda do andar ao lado. Ilusão, bem sei, mas ainda assim vi-o. Pode ser fome. Tenho me alimentado muito mal. [...]

Fui feliz nesta casa, certas tardes em que o sol me visitava na cozinha. Sentava-me à mesa. Fantasma vinha e pousava a cabeça no meu regaço. Se ainda tivesse espaço, carvão, e paredes disponíveis, poderia escrever um a Teoria Geral do Esquecimento. Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. Nesta casa todas as paredes têm a minha boca. (AGUALUSA, 2012, p. 77-78)

Quase todo o livro é narrado pelo ponto de vista da personagem, alternando capítulos com poemas e textos refletindo situações que estavam ocorrendo naquele espaço conturbado e sensações e pensamentos da própria Ludovica.

Percebemos que a construção da identidade de Ludo, perpassa vários horizontes significativos, portuguesa; até então mora com os pais quando sofre um abuso sexual, logo após com a perda dos pais quando ela chama “O acidente” passa a morar com a irmã Odete e o cunhado Orlando, logo depois ele resolve morar em Luanda capital da Angola no famoso prédio dos Invejados.

Após a morte dos pais ficou a viver em casa da irmã. Raramente saía. Ganhava algum dinheiro lecionando português a adolescentes entediados. Além disso, lia, bordava, tocava piano, via televisão, cozinhava. Ao anoitecer, aproximava-se da janela e olhava para a escuridão com quem se debruça sobre um abismo. Odete sacudia a cabeça, aborrecida. (AGUALUSA, 2012, p. 11).

Dessa forma, Ludo chega à Angola em um período pós-guerra. O país está em busca de independência. Ludovica sente não pertencer aquele espaço, e isolar-se ainda mais. O cunhado e a irmã resolvem ir a uma festa e não voltam mais, Ludovica fica sem notícias e com o passar dos dias ela resolve aprisiona-se no apartamento, não se identificando com a cultura daquele lugar. Isso ocorre devido a existência de várias culturas no mesmo ambiente, ou nação. Ou seja, aquele espaço estava repleto de pessoas de diferentes culturas e com ideais completamente diferentes uns dos outros.

Muitas vezes, olhando para as multidões que se encarniçavam de encontro ao prédio, aquele vasto clamor de buzinas e apitos, gritos e súplicas e pragas, experimentava um terror profundo, um sentimento de cerco e ameaça. Sempre que queria sair procurava um título na biblioteca. (AGUALUSA, 2012, p. 102).

Ludovica escolhe não se relacionar com essas pessoas, acreditando assim no sentimento de ameaça, passando a não conviver ou a não aceitar outros ideais culturais. No entanto, percebemos alguns aspectos culturais que envolve a personagem, ou seja, apesar de não se sentir bem ao lado das pessoas, a mesma tinha prazer pelos livros; pela música, mostrava-se assim

conhecedora do mundo e de outras culturas fora do seu espaço anterior, ou seja, Portugal. Dessa forma, compreendemos que mesmo no aprisionamento Ludo cultivava outros prazeres, e queria usufruí-los, e era nos livros que ela revisitava outros paradigmas, ou seja, a literatura trazia para a personagem o conhecimento de outras culturas, uma forma até de reavivar sua memória e permanecer com sua identidade.

Desde a sua chegada à Luanda, Ludovica sente-se estrangeira. Essa condição é, posteriormente, agravada pela guerra, que a torna também expatriada. Entretanto, a protagonista já estava exilada da sua própria família e a mudança para a casa da irmã só a fez isolar-se mais. Porém, não teve escolha o ambiente influenciou no aprisionamento. O país havia acabado de adquirir independência e não representava perigo. Porém, existe um fator importante que é a trágica lembrança do abuso sofrido no passado, que ocasionou o medo do outro, a falta de confiança nas pessoas. Portanto, caracterizando o aprisionamento.

Portanto, identidade, cultura e memória são esferas indissociáveis e para tanto, a personagem Ludovica perpassa esses horizontes, ou seja, a identidade está sempre em um processo de construção, dessa forma para entender a formação da identidade é primordial saber os aspectos culturais de cada sujeito em questão.

De fato, a personagem Ludo possui uma grande carga de significação. Portanto, existem alguns traços intersemióticos, e acreditamos na importância de salientar alguns aspectos existentes naquele país em que a personagem é vista como semelhante àquela situação. Ou seja, aquele país também estava também em busca da sua identidade depois do período pós-guerra e Ludovica exemplifica muito bem essa “passagem” durante o isolamento. Observar-se que tanto a personagem quanto o país encontram-se na busca de uma nova identidade. Observa-se que os conflitos são internos e externos, a subjetividade referenciada pelo país em (re)construção.

Todavia, a partir desses questionamentos observamos um espelho entre a personagem e o próprio país em crise, e porque não dizer da própria Luanda, estes questionamentos enaltecem ainda mais quando nos referimos ao olhar historiográfico em que o autor consegue traçar durante as suas narrativas.

Desse modo, os resultados desta pesquisa levam a uma reflexão sobre a busca de uma nova identidade, após um conflito de guerra. São evidentes os métodos pelos quais o processo de aquisição dessa nova identidade é desenvolvido, baseando-se na memória da personagem protagonista. O início do romance mostra a instauração do conflito vivenciado por Ludovica, na busca pela permanência da própria identidade.

Sinto medo do está para além das janelas, do ar que entra às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos, a miríade de insetos aos quais não sei dar nome. Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam não é o meu. (AGUALUSA, 2012, p. 31).

Na tentativa de debruçar um olhar crítico sobre tal aquisição, a análise leva em conta o questionamento de que se o esquecimento é tão somente um modo de se resguardar, de proteger as próprias experiências, por que então, para conseguir uma nova identidade é preciso manter uma relação direta com a própria memória?!

É, portanto, esse questionamento que enaltece as expectativas em torno da relação existente entre esquecimento, memória e a busca de Ludovica por sua nova identidade. Contudo, compreendemos que a memória é geradora da identidade, elemento capaz de interferir significativamente na construção e desconstrução do sujeito social. Pode constituir mudanças, adequações e/ou inadequações da própria interação com o espaço. Todo ser que vive em uma sociedade tem sua identidade marcada pela memória, então é importante observamos como cada indivíduo atua na sociedade e as influencias que o mesmo pode proporcionar (CANDAU, 2012).

Deste modo, o espaço que molda a história de Ludovica é o espaço subjetivo da memória. Sua identidade permanece fragmentada até o momento em que decide erguer a parede que a isola do restante do edifício onde mora. Apontamos a memória enquanto tempo, tempo este que gerou e conservou a identidade da personagem, a partir da construção de sua cultura. No romance, a identidade da personagem encontra-se diluída e, somente nos meandros da memória, ela ora permanece, ora desvanece, ora se modifica.

O esforço da personagem na manutenção de sua identidade está nas ações, exemplificadas pelo isolamento e esquecimento. Ao tentar ser esquecida, Ludo tenta reativar sua identidade perdida, também tolhida pelo ambiente pós-guerra, em Luanda.

Hoje não aconteceu nada. Dormi. Dormindo sonhei que dormia. Árvores, bichos, uma profusão de insetos partilhavam os seus sonhos comigo. Ali estávamos todos, sonhando em coro, como uma multidão, num quarto minúsculo, trocando ideias e cheiros e carícias. Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha. Senti-me flores desabrochando ao sol, brisas carregando pólenes. Acordei e estava sozinha. Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertos, acordar dentro de uma realidade mais lúcida? (AGUALUSA, 2012, p. 33).

Dessa forma, observamos que Ludovica passa a viver de suas memórias, uma vez que não se adequa à nova identidade, ou ao novo ambiente que ali se configura. De fato, “memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução” (CANDAU, 2012, p. 19). Consideramos, então, que a identidade da personagem é desvendada por cadeias de memórias, e que a mesma, ao isolar-se do restante das pessoas, tenta esquecer de si mesma: “Estou mais próxima do meu cão do que das pessoas lá fora.” (AGUALUSA, 2012, p. 31).

De acordo com Bosi (2004, p. 18), os conceitos sobre memória levam a observar que tanto a lembrança quanto o esquecimento são vitais na percepção de identidade da personagem. Toda e qualquer lembrança que um indivíduo viveu ou que fez parte significativa de sua vida, que levou a uma aprendizagem ou mudança, interfere na construção de sua identidade. A memória precede essa construção, podendo configurar-se como “extrema, individual e coletiva” (CANDAU, 2012).

Portanto, a personagem desenvolve uma crise subjetiva ao se deparar com a sociedade pós-guerra, sentindo a necessidade de construir uma nova identidade a partir da sua memória. Entretanto, essa construção é fragmentada, pelo fato de ela estar fora do seu local de origem e não conseguir compreender o que as pessoas esperam dela, nesse novo país. O próprio espaço influencia a fragmentação da identidade.

Uma tarde, despertou-a um redondo alvoroço de vozes. Levantou-se em pânico, imaginando que iam invadir lhe a casa. A sala de visitas dava para o apartamento de Rita Costa Reis. Colou o ouvido à parede. Duas mulheres, um homem, várias crianças. A voz do homem era ampla, sedosa, muito agradável. Falavam entre eles numa daquelas línguas melódicas e enigmáticas que por vezes o rádio lhe trazia. Uma ou outra palavra soltava-se do conjunto e ficava aos saltos, como uma bola colorida, indo e vindo no interior de seu cérebro: Bolingô. Bisô. Matondi. (AGUALUSA, 2012, p. 35).

Portanto, Ludovica não se adequa à nova cultura, à nova sociedade. Relacionando-se com outros personagens, ecos dissonantes de seu país, de seu passado, em conflito com a realidade que a personagem tem dificuldades em aceitar, sua existência apresenta uma série de ruídos, que ela deseja eliminar.

No entanto, os demais personagens que “aparecem” para Ludo ou a acompanham, representam o multiculturalismo. Na concepção de Eagleton (2005), o multiculturalismo representa o local repleto de identidades, de várias culturas. O espaço conturbado ocupado por esses personagens vai ingressando aos poucos na narrativa, mostrando que são ecos que fizeram parte da vida de Ludo, antes de sua ida a Angola, e conseqüentemente a acompanham durante todo o tempo em que fica aprisionada no apartamento. Entretanto, a vastidão de culturas inserida numa sociedade pós-guerra é, como verificamos em relação à construção da personagem, também um problema, pois exige um esforço de adequação e de permanência.

A viagem foi difícil para Ludo. Saiu de casa atordoada, sob o efeito de calmantes, gemendo e protestando. Dormiu durante todo o voo. Na outra manhã, acordou para uma rotina semelhante à anterior (AGUALUSA, 2012, p. 12).

Assim, os personagens que aparecem para Ludo não só exemplificam este multiculturalismo como também contribuem na formação de sua identidade. Ou seja, o passado quando é reavivado traz a tona algumas lembranças e esses personagens contribuem na formação de sua identidade, as metáforas vivenciadas por Ludo comprovam isso.

4 LUDOVICA E SUAS METÁFORAS IDENTITÁRIAS

O romance possui um molde metafórico, ou fragmentos que exemplificam isso. Ludo é, por vezes, evidenciada por metáforas, assim como alguns objetos e também por alguns animais. Os textos do diário evidenciam questões pertinentes sobre a construção de uma identidade fragmentada. De acordo com Draaisma (2005), as metáforas da mente muitas vezes estão relacionadas a objetos e a imagens representativas, e que possuem uma linguagem relativa à lembrança e ao esquecimento. Alguns desses elementos proporcionam as condições de lembrar ou esquecer, de acordo com o estágio subjetivo de importância que contemplam à vida real, concreta: “Todos podemos, ao longo de uma vida, conhecer várias existências. Eventualmente, desistências. Aliás, o mais habitual. Poucos, contudo, têm a possibilidade de vestir uma outra pele.” (AGUALUSA, 2012, p. 45).

Draaisma (2005, p. 37) afirma que uma metáfora é um elemento que “pode se relacionar a objetos concretos ou falsos, e é representado por imagens, na maioria dos casos de natureza visual”. Assim, as metáforas são produtos da cooperação desse sistema que processa as lembranças diretamente associadas a um dado existente ou não existente.

Todavia, a personagem cria metáforas que se relacionam ao seu espaço, ou seja, no próprio apartamento, bem como os animais que são exemplos dessas metáforas, imagens criadas pelos fragmentos de memória, semiotizando o medo, o pavor, a tranquilidade e o tempo. Na morte do macaco, ou na parede que separa os apartamentos surgem questionamentos, tais como: o que esses elementos identificam? Uma resistência, um devaneio, um sonho, o medo? O questionamento de realismo que esses elementos produzem é intenso uma vez que, nos próprios devaneios da personagem, a morte do cão a quem dera o nome de Fantasma, por exemplo, diz muito de sua condição psicológica ou memorativa: depois que ele morre a personagem ainda consegue vê-lo e presentificá-lo.

Venho perdendo a vista. Fecho o olho direito e já só enxergo sombras. Tudo me confunde. Caminho agarrada às paredes. Leio com esforço, e apenas sob a luz do sol, servindo-me de lupas cada vez mais fortes. Releio os últimos livros, os que me recuso a queimar.

Andei queimando as belas vozes que me acompanharam ao longo de todos estes anos. Às vezes penso: enlouqueci. (AGUALUSA, 2012, p. 77).

A memória é, então, responsável pelo “território de recriação e reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas” (CANTON, 2009, p. 22). Isso explica o porquê de se tentar manter memórias consideradas importantes na construção do indivíduo e sob quais circunstâncias elas são reavivadas. Ludovica vivencia o desaparecimento da irmã e do cunhado; a invasão do apartamento por pessoas e motivos que ela desconhece; as mortes ocasionais, porém necessárias que precisa esconder; o muro que a separa dos demais apartamentos do prédio; os 35 anos de reclusão até a independência de Angola. É um processo longo e diversificado de manutenção de sua identidade portuguesa, ao lado do período em que tentou isolar-se, esquecer-se e ser lembrada.

É por meio dos diários e também dos escritos com carvão nas paredes do apartamento, que Ludovica consegue dominar o tempo presente e assim consegue reavivar sua memória. Ou seja, através dos escritos ela consegue manter sua memória no passado, resguardando assim os aspectos culturais em que tinha deixado para trás, pois a mesma não se identifica com as várias identidades presente naquele ambiente.

Os dias deslizam como se fossem líquidos. Não tenho mais cadernos onde escrever. Também não tenho mais canetas. Escrevo nas paredes, com pedaços de carvão, versos sucintos. Pouco na comida, na água, no fogo e nos adjetivos. (AGUALUSA, 2012, p. 65).

Ludo escrevia nos diários antes mesmo de mudar-se para Angola, e assim com os demais escritos dos diários e das paredes com carvão, por meio da memória ela vai construindo sua identidade. De fato, ela escolhe não fazer parte daquele ambiente pós-guerra, e escolhe através da subjetividade aprisionar-se. Durante o aprisionamento Ludovica passa por alguns devaneios, e os animais representam de forma metafórica estes momentos. Observamos isso principalmente na morte do macaco, mas isso acontece também com o cão Fantasma que mesmo depois de morto ela passa a vivenciá-lo por meio dos seus devaneios.

Enquanto Che Guevara sobrevivesse, não morreria. Há mais de duas semanas, porém, que não avistava o macaco, e naquela madrugada, ao lançar um primeiro olhar sobre os telhados, dera com a antena voltada para o norte – como as restantes. (AGUALUSA, 2012, p. 63).

No entanto, podemos observar outros aspectos metafóricos, dessa vez as “antenas”, que na visão de Ludo seriam antenas rebeldes, a todo o momento ela faz referência a essas antenas. Compreendemos que a morte do macaco representa o ápice da loucura da personagem, uma vez que ela não tem a exata noção do que venha a acontecer, e o trágico ganha forma revestido em metáfora. Portanto, é o próprio aprisionamento o principal caracterizador dos devaneios, e assim:

Ludo descascou uma banana, que trouxera da cozinha, e estendeu o braço. O macaco esticou o focinho. Sacudiu a cabeça, num gesto que podia ser de dor, ou de desconfiança. A mulher chamou-o numa voz doce: vem, vem, pequenino. Vem que eu cuido de ti. O animal avançou, arrastando a perna, chorando tristemente. Ludo soltou a banana e agarrou-lhe o pescoço. Com a mão esquerda tirou a faca da cintura e enterrou-a na carne magra. (AGUALUSA, 2012, p. 64).

Através do devaneio, a personagem termina por criar diversas metáforas durante a narrativa, essas metáforas constituem e caracterizam como metáforas da mente, representando os vários estágios de experiências tanto pessoais como psicológicas na qual a personagem perpassa.

Entretanto, podemos salientar que a própria maneira em que narrador narra o romance, é caracterizado por metáforas, uma vez que os títulos representam uma espécie de semiótica, ou seja, querendo ou não eles mesmos representam e/ou caracterizam os espaços de Luanda, são metáforas que carregam significados estéticos.

Outro fator importante na narrativa, são os espelhos. O jogo de espelhos que, segundo a personagem, estavam “assombrados”, eles representam todas as vozes dissonantes que lhe mostravam os conflitos de todas as pessoas: a falta do local de pertencimento, as expulsões, a repreensão, a violência, a falta de crença no outro. Depois de tudo isso, o que lhe restara e o que restara aos demais personagens.

Muitas vezes, ao olhar os espelhos, via o atrás de mim. Agora não o vejo mais. Talvez por ver tão mal (benefícios da cegueira), talvez porque mudámos de espelhos. Assim que recebi o dinheiro do

apartamento, comprei espelhos novos. Desfiz-me dos antigos. O meu vizinho estranhou: a única coisa em condições neste seu apartamento são os espelhos.

Não! Irritei-me: Os espelhos estão assombrados. (AGUALUSA, 2012, p. 165).

Um dos aspectos preponderantemente complexos na análise foi encontrar respostas para a construção de uma identidade que se forma a partir do esquecimento. Sabe-se que, ao lado da memória, o esquecimento é um agente de resistência, no sentido de “não perder a identidade outrora construída como processo cultural” (CANTON, 2009, p. 23-24). Ludo segue, pouco a pouco, esquecendo-se de sua identidade, mas deixa nos diários, poemas e reflexões, as lembranças de quem foi, as lembranças da irmã e do cunhado, as lembranças da Luanda dominada pela guerra. Nas memórias de Ludo, constatamos a condição do próprio país: “eu ostra cismo” (AGUALUSA, 2012, p. 67).

Entretanto, também nas memórias da protagonista estão os motivos pelos quais precisou ir morar com a irmã. O esquecimento é para Ludo uma resistência porque, somente no final de sua vida, ela consegue libertar-se da identidade que deixara para trás. Liberta, a personagem finalmente consegue que o muro que a isolou da vida por tanto tempo seja derrubado. O muro, metáfora de separação e aprisionamento, era necessário para fazê-la refletir sobre o passado. Nesse passado, estavam o pai, o seu país, o livro que fora resgatar na praia, a violência, a filha que não pode ver, a vergonha. Depois de tudo isso, a nova identidade. O conflito de Luanda se confunde com o conflito interior de Ludo. São, na verdade, duas guerras e dois ostracismos, e a necessidade de muitas superações.

Agora passou. Saio à rua e já não sinto vergonha. Não sinto medo. Saio à rua e as quitadeiras cumprimentam-me. Riem-se para mim, como parentes próximas.

As crianças brincam comigo, dão-me a mão. Não sei se por eu ser muito velha, se por eu ser tão criança quanto elas. (AGUALUSA, 2012, p.167).

A personagem encontra-se morta desde o início do romance, uma maneira de morrer para os outros, atitude esta que a mesma resolve escolher.

De fato, isto pode ser caracterizado como metáfora mas não deixa de ser um objeto de criação do próprio narrador. No entanto, até o devaneio e posteriormente até a sua morte, tudo é condicionado pelo espaço subjetivo da memória, que torna-se o principal norteador de suas reflexões mais profundas sobre a própria vida. “Hoje não aconteceu nada. Dormi. Dormindo sonhei que dormia. [...] Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertos, acordar dentro de uma realidade mais lúcida?” (AGUALUSA, 2012, p. 33).

Por fim, verificamos que a memória é o caminho para a redenção da personagem, a libertação de seu aprisionamento no tempo. A identidade de Ludovica persiste fragmentada durante os anos em que o muro de seu isolamento permanece erguido. Depois disso, outra identidade, a superação do que ela chama de “o acidente” e a história de um país em conflito continuam como memória, eternizadas pelos ecos outrora desconexos de muitas histórias reveladoras, encontradas pela própria personagem. Portanto, acreditamos que existe uma necessidade de redenção do passado e do futuro, no qual o presente é desarmônico e perturbado. O que então restou para Ludo foi o esquecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, concluímos que a construção da identidade de Ludovica, em *Teoria geral do esquecimento*, perpassa horizontes significativos de variações temporais, que seguem desde a sua chegada ao novo país, até ao devaneio e, conseqüentemente, a sua morte. A memória é a condição para reflexões profundas sobre a própria vida e sobre os espaços que transformam essas vidas e suas expectativas.

A Luanda de 1975 ainda é palco de estranhamentos para Ludo: existe o medo do outro, o medo do passado, os ecos de vidas dizimadas pela guerra, o conflito de Angola e o conflito subjetivo da protagonista. Depois que o muro que erguera para separá-la dos demais habitantes do Prédio dos Invejados fora derrubado, ela se sentia liberta. As metáforas presentes na narrativa constituem metáforas da memória criadas por Ludo, representando estágios de experiência e aprendizagens pessoais e psicológicas, pelas quais a personagem passa.

Sobretudo, a memória invocada por Ludo é um agente de resistência. O passado e as condições de sua chegada a Luanda representam, efetivamente, essa resistência. Depois, tudo que o que ocorre durante os anos de guerra até a chegada da independência também representa conflito. É na lógica da intersecção entre memórias, passado e presente, que a personagem reside, tentando encontrar a si mesma. Existe uma necessidade de redenção do passado e uma necessidade de redenção do futuro, na qual o presente é dissonante e conturbado. O que resta a Ludo é o esquecimento.

Baseamos este trabalho no questionamento levantado inicialmente pelo esquecimento. Ludo deixa suas memórias, pois, ao longo da narrativa, sua presença vai se diluindo nas vozes de outros personagens. Esses personagens representam o conflito da protagonista em sua identidade fragmentada. Nesse momento, esquecer de quem é faz com que o conflito possa ser minimizado.

Desde a sua chegada a Luanda, Ludovica se sente estrangeira. Essa condição é, posteriormente, agravada pela guerra, que a torna também

expatriada. Entretanto, a protagonista já estava expatriada de sua própria família e a mudança para a casa da irmã só a fez isolar-se mais.

Observamos que é partir daí, sem ter um lugar de pertencimento a assumir, que a protagonista decide imergir no esquecimento, fator que ela toma como “um acalanto para a morte” (AGUALUSA, 2012, p. 19). Contudo, o esquecimento é tão somente um fator pré-estabelecido pela construção do muro que separa Ludo do restante dos apartamentos do prédio onde mora. Sua memória é mantida, através do reavivar de histórias e pessoas que desenvolvem um eco de fenômenos e acontecimentos relevantes para que ela reconstrua sua identidade.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Foz, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória: Uma história das ideias sobre a mente**. Trad. Jussara Simões. Bauru/SP: Edusc, 2005.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de B. **Da natureza da cultura ou da natureza à cultura**. In: _____. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: UNICAMP, 2008.
- ROSENFELD, Anatol. **Literatura e personagem**. In: CANDIDO, Antonio. *A personagem e ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.